

OS USOS DO ALIMENTO ENQUANTO OFERENDA NO BUTSUDAN ENTRE PRATICANTES NO BRASIL: MUDANÇAS E RESSIGIFICAÇÕES DAS PRÁTICAS BUDISTAS JAPONESAS APRESENTADAS NO YOUTUBE (2016-2019)

Rafael Meira de Oliveira¹

Resumo: Esse artigo tem o objetivo de apresentar uma síntese do que foi minha pesquisa na graduação, trazendo a discussão proposta e as considerações finais do trabalho: analisar, a partir de fontes audiovisuais, como tem sido utilizado o alimento como oferenda no *butsudan* (oratório doméstico de caráter budista) entre adeptos budistas, de 2016 a 2019. Sobre o conteúdo audiovisual, será analisada a estética e os aspectos que dizem respeito à construção da mensagem apresentada. Espera-se, como resultados, sugerir que houve diversas modificações no que se considerou comida/oferenda aos ancestrais ao longo do tempo, indicando o processo de mudanças e ressignificações do Budismo japonês no Brasil.

Palavras-chave: Budismo; Internet; Oferenda.

THE USES OF FOOD AS AN OFFERING IN BUTSUDAN AMONG PRACTITIONERS IN BRAZIL: CHANGES AND RE-SIGNIFICATIONS OF JAPANESE BUDDHIST PRACTICES PRESENTED ON YOUTUBE (2016-2019)

Abstract: This article aims to present a summary of my undergraduate research, bringing the proposed discussion and the final considerations of the work: to analyze, from audiovisual sources, how food has been used as an offering in the *butsudan* (Buddhist domestic oratory) among Buddhist adepts, from 2016 to 2019. The audiovisual content will be analyzed in terms of aesthetics and aspects related to the construction of the message presented. The results are expected to suggest that there have been several changes in what is considered food/offering to ancestors over time, indicating the process of change and resignification of Japanese Buddhism in Brazil.

Keywords: Buddhism; Internet; Offering.

¹ Mestrando em História Social pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Contato: rafaehmeira122@gmail.com.

Considerações iniciais

A primeira forma de budismo a se consolidar no Brasil é de origem japonesa. Tal consolidação se deu na segunda metade do século XX e trouxe consigo templos e outros elementos religiosos.² A religião tornou-se visível institucionalmente aos não descendentes de japoneses, embora a prática de muitos templos não fosse nada adaptada e envolvente para visitantes leigos e os limitassem ao que Usarski³ chamará de budismo de conversão. Outros templos, por sua vez, assumiram uma postura mais aberta e flexível.

São diversos os ritos dessas comunidades religiosas japonesas, dentre eles os de caráter mortuário, como o *Obon Matsuri* (お盆踊り, Festival dos Finados), período marcado por uma liturgia dedicada aos espíritos dos ancestrais.⁴ Dentre os elementos que compõe esses ritos, temos o *butsudān*, que pode ser definido como:

[...]um armário de madeira com aberturas que encerram e resguardam um gohonzon (ícone religioso), uma escultura ou pintura de um Buda (ou Bodhisattva), ou um 'script' (mandala em rolo). As portas estão abertas para exibir o ícone durante as solenidades religiosas e são fechadas antes do anoitecer.⁵

É um oratório budista de culto aos ancestrais, cuja prática foi realizada, no Brasil, sobretudo por japoneses e seus descendentes, mas também presente em grupos budistas mais recentes e menos marcados pela presença de *nikkeis* (japoneses e seus descendentes fora do Japão), como a instituição Brasil Sôka Gakkai Internacional (BSGI). A BSGI é uma instituição que tem como Buda o monge japonês Nichiren, que viveu no século XIII. Este monge acreditava que todos podiam atingir o estado de buda em vida e para isso

² ANDRÉ, R. G; LUIZ, L. H. O retorno dos ancestrais: Bom Odori e ritos mortuários no Templo Budista Honpa Honganji em Londrina. *Antíteses*, v.11, n.22, Londrina, jul/dez, 2018, p. 890-915.

³ USARSKI, F. O momento da pesquisa sobre o budismo no Brasil: tendências e questões abertas. *Debates do NER*, v.7, n.9, Porto Alegre, jan/jun, 2006, p.129-141.

⁴ ANDRÉ, R. G; LUIZ, L. H. O retorno dos ancestrais: Bom Odori e ritos mortuários no Templo Budista Honpa Honganji em Londrina. *Antíteses*, v.11, n.22, Londrina, jul/dez, 2018, p. 890-915.

⁵ SILVA, A. B; SOARES, A. L. R. Os Oratórios domésticos: lugares de memória para os imigrantes japoneses em Santa Maria/RS. *PATRIMÔNIO E MEMÓRIA* (UNESP), v. 13, 2017, p. 179-200.

seria necessário seguir uma espécie de pergaminho escrito por ele chamado *gohonzon*, que guiaria até o estado de iluminação.

A Sôka Gakkai foi fundada no Japão por Tsunesaburô Makiguchi (1971-1944) nos anos 1930, com o objetivo de reformar o sistema de ensino do Japão com novos valores. Makiguchi se uniu a *Nichiren Shôshû* (Seita Ortodoxa do budismo Nichiren), um ramo do budismo de Nichiren. Esta seita defendia o Sutra de Lótus como a escritura correta para o ensinamento budista e que a garantia à salvação e todo tipo de benefício, espiritual e material, seria mediante a recitação *Nam-myôhō-rence-Kiō* (Reverência à Gloriosa Lei Mística do Lótus); as demais escolas budistas, por não serem embasadas no Sutra de Lótus, eram encaradas como profanadoras⁶. O Sutra de Lótus é parte documentada dos ensinamentos budistas que inicialmente foram transmitidos oralmente. É considerado pelo budismo de Nichiren o compilado que contém toda essência dos ensinamentos budistas.⁷ O Sutra de Lótus é encarado como ensinamento correto não só pela Brasil Sôka Gakkai, mas por outros grupos budistas como a Nichiren Shôshû, Nichiren Shu, Honmon Butsuryu Shu, escola Tendai.

Em 1943, Makiguchi e Josêi Tôda (1900-58), segundo presidente da organização, foram presos por não apoiarem a fusão da Nichiren Shôshû com as demais ramificações Nichiren e por recusarem participar do Xintoísmo. Após período enclausurado e a morte de seu companheiro Makiguchi, Tôda reorganizou o grupo e o chamou Sôka Gakkai (Sociedade para a Criação de Valores)⁸. Mas foi somente com a presidência de Daisaku Ikeda que a BSGI expandiu suas fronteiras e buscou globalizar o grupo e seus ensinamentos.

⁶ PEREIRA, R. A. A associação Brasil Sôka Gakkai Internacional: do Japão para o mundo, dos imigrantes para os brasileiros. In: USARSKI, F. *O Budismo no Brasil*. São Paulo: Editora Lorosae, 2002, p.253-286.

⁷ DUTRA, P. B. M; CHÊNE, S. G. B; BAENA, T. C. A. Religião e Tecnointerações: apropriação da tecnologia na prática do budismo de Nichiren Daishonin da Soka Gakkai durante a pandemia de Covid-19 em Santarém – PA. *Revista Iniciacom*, v.10, n.3, São Paulo, 2021.

⁸ PEREIRA, R. A. A associação Brasil Sôka Gakkai Internacional: do Japão para o mundo, dos imigrantes para os brasileiros. In: USARSKI, F. *O Budismo no Brasil*. São Paulo: Editora Lorosae, 2002, p.253-286.

Vale sugerir aqui a ideia de “budismos” presentes no Brasil. A *Theravada* ou Escola dos Anciões, predominantemente no Sudeste Asiático, é caracterizada pela vida monástica, cumprimento de regras e prática da meditação, os grupos representantes dessa filosofia são a Sociedade Budista do Brasil; Centro de Estudos Budistas Nalanda e a Casa do *Dharma*. A corrente *Mahayana* ou Grande Veículo, predominante na China, Japão, Coréia e Vietnã, são fortemente marcadas pela imigração japonesa no Brasil a partir de 1908, e tem como representantes o Zen budismo, Terra Pura e a Escola de Nichiren; as doutrinas *Vajrayana*, Veículo do Raio ou do Diamante, sendo seus representantes no Brasil a escola *Shingon*. Por fim, algumas doutrinas não reconhecidas pelas correntes tradicionais, como a *Reiyukai*, *Risshokoseikai* e *Sôka Gakkai*, são marcadas por serem movimentos “pseudomorfoses japonesas do budismo”.⁹ Segundo Pereira (2002), a BSGI é um budismo “[...]totalmente leigo, pragmático e particularmente atuante na sociedade, através de sua estrutura institucional altamente articulada”.¹⁰

Um praticante iniciado na comunidade da BSGI recebe um *gohonzon*, uma espécie de pergaminho consagrado e recita diariamente o *Nam-myoho-renge-Kyo* ou “Reverência a Gloriosa Lei Mística do Sutra de Lótus”, sendo prática central nessa ramificação budista, pois é encarada como uma verdade revelada na escritura e a “[...]revelação deveria ser percebida com o espírito e concretizada na vida de todo aquele que adora Buda e seus ensinamentos. [...]”.¹¹ De modo geral, as atividades presentes dentro da BSGI podem ser divididas entre práticas individuais, como a prática diária no *butsudan*, e práticas altruístas, como o proselitismo religioso e núcleos de

⁹ GONÇALVES, R. M. As flores do dharma desabrocham sob o Cruzeiro do Sul: aspectos dos vários “budismos” no Brasil. *Revista USP*, n.67, São Paulo, 2005, p.198-207.

¹⁰ PEREIRA, R. A. A associação Brasil Sôka Gakkai Internacional: do Japão para o mundo, dos imigrantes para os brasileiros. In: USARSKI, F. *O Budismo no Brasil*. São Paulo: Editora Lorosae, 2002, p.253-286.

¹¹ PEREIRA, R. A. A associação Brasil Sôka Gakkai Internacional: do Japão para o mundo, dos imigrantes para os brasileiros. In: USARSKI, F. *O Budismo no Brasil*. São Paulo: Editora Lorosae, 2002, p.253-286

estudo¹², os vídeos aqui analisados retratam essas duas categorias de práticas, sobretudo a de caráter individual. Encarados enquanto fonte primária audiovisual e digital, os vídeos serão tratados integralmente, porém, a intenção deste trabalho é enfatizar as ressignificações a respeito do alimento no *butsudan*. Ou seja, realizar um estudo sobre a prática e menção budista nos documentos analisados e compreender como as estratégias institucionais da BSGI são refletidas na prática do budismo pelos adeptos.

A alimentação é parte de um conjunto de práticas, a princípio instituídas pelo Buda histórico, preservadas ou ressignificadas pelas comunidades budistas. Por exemplo, o código normativo monástico da Escola *Dharmagupta* que pretende organizar melhor o tempo e espaço mental para a prática da meditação, dirige uma série de condutas ao praticante. Estão previstos códigos de como os monges e monjas dessa comunidade que pedem esmolas de alimentos devem visitar seus bem feitores; modos de se sentar e a maneira de se alimentar; como se usar o pote de alimento ou higienizá-lo; pensar a alimentação como nutrição do corpo, ao contrário de pensar nos prazeres e sabores de uma comida; até o ato de descarte das sobras alimentares é normatizado. Historicamente enterravam em lugares apropriados ou jogavam os restos em águas não acessíveis a qualquer ser vivo. O descarte ocorria porque os praticantes não deveriam se forçar a comer em excesso, e não podiam alimentar os animais com a comida, devido aos riscos de contaminação.¹³

Sobre a doutrina da BSGI, em 2014, foi publicado um texto em seu site que abordava o tema da alimentação. A publicação discute a necessidade de repensar a relação com os alimentos, considerando o aumento populacional e a má distribuição de recursos. Aborda a globalização

¹² SEIKYOPOST. Glossário. Editora Brasil Seikyo. Disponível em: <http://www.seikyopost.com.br/budismo/glossario#p-gongyo>. Acesso em: 10 jun. 2022.

¹³ FURLAN, C; TSAI, P. G. P. O código normativo budista e o ato de esmolar alimentos. *PÁGINAS DE FILOSOFIA (SÃO BERNARDO DO CAMPO)*, v. 10, 2021, p. 77-91.

alimentar, o desperdício, a diversidade culinária e a preocupação com a saúde e o impacto ambiental. Por mais que o tema central desta publicação não seja a oferta alimentar, a BSGI aponta para uma ideia do que se considerar alimento. Destaca o movimento *Slow-Food* e a ideia de se tornar “eco-gourmet”, priorizando alimentos bons, limpos e justos em toda sua cadeia produtiva. Uma escolha que considere não apenas o sabor, mas também o respeito ao meio ambiente e à justiça social.¹⁴ Outra menção à alimentação é encontrada em outra publicação, também de 2014, no site da BSGI. A proposta do texto foi demonstrar a relação de dois chefs de cozinha com a filosofia humanista do budismo de Nichiren. É interessante mencionar a mesma direção normativa presente nesta publicação; é reforçada a ideia de conhecer os produtos e como são produzidos, assim, contribuir de uma forma sustentável ao coletivo.¹⁵ Aqui estão publicações da instituição sobre como considerar a alimentação que pode guiar a prática de oferecer alimentos no *butsudan*. Através dos documentos analisados, poderemos sugerir como essas estratégias se relacionam com a prática dos seguidores.

Serão utilizados três vídeos publicados na plataforma Youtube: o primeiro vídeo chama-se *Butsudan*, compartilhado no canal *Cesinha Chaves* em 2017, no momento analisado contava com mais de 7.000 visualizações e 6 comentários; o segundo vídeo é intitulado *ORATÓRIO BUDISTA | Nosso Apê 32B*, compartilhado em 2019 no canal *Nosso Apê 32B*, com mais de 9.900 visualizações e 91 comentários; por último, o terceiro vídeo analisado chama-se *Oratório e concessão de gohonzon*, publicado no canal *A Fabí por aí...* em 2016, com mais de 25.600 visualizações e 210 comentários. Esses documentos

¹⁴ BSGI, ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA SGI. *Mais do que simples comida...!* Repensar o alimento que nos chega à mesa é também proteger o planeta. 2014a. Disponível em: <https://www.bsgi.org.br/noticia/mais-do-que-simples-comida-20141016/>. Acesso em: 25 mai 2024.

¹⁵ BSGI, ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA SGI. *Dois chefs e o alimento que vem do amor*. Membros da SGI, renomados chefs contam como produzem suas criações gastronômicas. 2014b. Disponível em: <https://www.bsgi.org.br/noticia/dois-chefs-e-o-alimento-que-vem-do-amor-20141016/>. Acessado em 25 maio 2024.

foram escolhidos de acordo com a temática dos vídeos: um adepto budista que fala sobre seu *butsudan*.

Mundo Virtual e Youtube

Para lidar com os vídeos publicados no *Youtube*, é necessário compreender a dinâmica de seu espaço, uma vez que “[...] a rede mundial de computadores tornou-se uma ferramenta de comunicação poderosa [...] com a popularização em escala mundial, criou-se um novo espaço de sociabilidade: o ciberespaço”.¹⁶ Segundo Almeida, um dos fenômenos da *Internet* seriam os *sites* de compartilhamento de imagens e compartilhamento de vídeos, onde:

Os sites de compartilhamento, em sua grande maioria, são gratuitos e permitem que seus usuários coloquem imagens ou vídeos na Internet para que sejam assistidos por um grupo restrito de pessoas (mediante a utilização de uma senha), ou em caráter público, sem nenhuma restrição.¹⁷

O *Youtube* é um *site* de compartilhamento que permite aos usuários ou instituições cadastradas publicar e até mesmo editarem conteúdos audiovisuais em suas contas pessoais ou institucionais. O vídeo pode ser acessado por usuários que são cadastrados ou não na plataforma, a diferença é que o cadastrado pode interagir com o conteúdo postado, ou seja, aqueles que criaram um perfil no *site* podem deixar comentários por meio de um campo disponibilizado logo abaixo do vídeo. Nos comentários, os usuários se comunicam a respeito do vídeo publicado, deixando críticas e/ou perguntas sobre o conteúdo, que podem ser respondidas tanto pelo autor do conteúdo audiovisual quanto por outros usuários que acessarem o mesmo espaço.

¹⁶ ALMEIDA, F. C. O Historiador e as Fontes Digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. *Aedos: Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS (Online)*, v. 3, 2011, p. 9-30.

¹⁷ ALMEIDA, F. C. O Historiador e as Fontes Digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. *Aedos: Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS (Online)*, v. 3, 2011, p. 9-30.

Cezarinho (2018) realizou uma revisão historiográfica apresentando historiadores que se debruçaram sobre o tema da fonte digital. Araújo Sá é apontado como um dos primeiros autores a trazer questões sobre as fontes da *Internet* para o campo da História. Nesse estudo pioneiro, defende que a carência de pesquisa se dava pelo descaso de muitos pesquisadores e pela dificuldade que se enfrentava para conservar tal fonte digital. O autor ainda trazia para a discussão a validade de um *site* e como avaliar isso numa pesquisa:

Como avaliar os sites? Em qual confiar? Portanto, além da busca de páginas confiáveis na internet, encontrar a autoria era fundamental. A saída sugerida pelo autor estava na utilização de sites oficiais, os quais traziam maiores segurança e credibilidade para o trabalho do(a) historiador(a).¹⁸

Atualmente, com os avanços tecnológicos, há certa facilidade em conservar fontes digitais por meio de diversos dispositivos de armazenamento existentes, como o caso do *Drive*, onde é possível baixar o texto e guardar em um armazenamento pessoal e *backup*. A partir dos problemas enfrentados por Sá, Cezarinho busca ampliar o horizonte do que se pode considerar fonte digital, indo além dos ditos *sites* oficiais e dando crédito também aos documentos criados de forma conjunta e sem uma autoria definida.¹⁹

Anita Lucchesi é indicada como fundamental para o campo da historiografia digital, a autora aponta outros motivos para a adequação dos historiadores frente aos documentos digitais, como o interesse que o público, não especializado em História, demonstra em textos históricos produzidos sem nenhum rigor acadêmico. Isso já bastaria para mostrar a importância de o historiador criar um olhar atento às informações que circulam nos meios digitais. Segundo Cezarinho, Lucchesi apresenta a ideia de Historiografia Digital:

¹⁸ CEZARINHO, F. A. História e fontes da internet: uma reflexão metodológica. *Temporalidades* – Revista de História, v. 10, n. 26, jan./abril. 2018.

¹⁹ CEZARINHO, F. A. História e fontes da internet: uma reflexão metodológica. *Temporalidades* – Revista de História, v. 10, n. 26, jan./abril. 2018.

[...] que não deve ser vista como capacidade de elevação de uma história serial, uma calculadora de arquivos e documentos, mas como uma rede capaz de trazer novos problemas aos historiadores e historiadoras do tempo presente [...].²⁰

Ou seja, a autora discute as possibilidades de organizar um campo próprio chamado Historiografia Digital, dada a complexidade dos documentos digitais. Outra autora, ainda parte da discussão feita por Cezarinho sobre as fontes digitais, é Alexandra Silva de Oliveira, que se preocupa com a questão da manipulação de dados, autenticidade de informação, plágios e dá instruções sobre organização de documentos, alertando para a importância de armazenamento do material alvo da pesquisa.²¹ Um acervo digital das fontes utilizadas é importante no cenário volátil que é o mundo virtual, pois os documentos podem a qualquer momento ser editados, privados de acesso ou até mesmo deletados da rede. Um exemplo dessas mudanças abruptas dentro da rede virtual é encontrado na pesquisa que também analisou o uso do alimento enquanto oferenda por meio de vídeos no *Youtube*²², o praticante budista e criador de vídeos Evandro Legramonte, no momento deste trabalho, privou seu vídeo a respeito do *butsudan*, os limites do acesso à informação não permitiram neste caso desvendar o motivo desse apagamento e o vídeo que anteriormente foi analisado, neste momento não pode ser acessado novamente.

Um autor importante para o estudo do tipo de fonte primária digital é Almeida (2011), que aponta uma resistência na historiografia para a incorporação de novas categorias documentais, fenômeno já mencionado por Sá e Cezarinho. A explicação, segundo o autor, para a desconfiança no

²⁰ CEZARINHO, F. A. História e fontes da internet: uma reflexão metodológica. *Temporalidades* – Revista de História, v. 10, n. 26, jan./abril. 2018.

²¹ CEZARINHO, F. A. História e fontes da internet: uma reflexão metodológica. *Temporalidades* – Revista de História, v. 10, n. 26, jan./abril. 2018.

²² OLIVEIRA, R. M. Das frutas frescas à gelatina em pó: o sentido da comida como oferenda no *bustudan*, retratado por criadores de conteúdo na plataforma *Youtube* (2016-2018). In: BUENO, A. *Estudos em História Asiática e Orientalismo no Brasil*. 1 ed. v. 1, Rio de Janeiro: Sobre Ontens/UERJ, 2020, p. 3-219.

uso dessas fontes seria uma herança da escola Metódica, do final do século XIX, que privilegiava documentos escritos e oficiais; também, a falta de discussão teórico-metodológica a respeito do tema digital.²³ Considerando este cenário, o autor se propõe a contribuir com a pesquisa, construindo o conceito de fonte digital, que é:

[...] aquele documento – de conteúdo tão variável quanto os registros da atividade humana possam permitir – codificado em sistema de dígitos binários, implicando na necessidade de uma máquina para intermediar o acesso às informações. Tal máquina é, na maioria das vezes, um computador.²⁴

O autor cria categorias e subcategorias do que se pode considerar fonte digital. A primeira categoria é das “fontes não-primárias digitais”, que são documentos não-primários produzidos fora da *Internet*, mas que existem na rede por serem digitalizados, como, por exemplo, livros e trabalhos acadêmicos. A segunda categoria diz respeito às fontes primárias digitais, que se dividem em duas subcategorias, os “documentos primários digitais exclusivos”, ou seja, documentos primários que foram produzidos dentro do ambiente virtual; a outra subcategoria corresponde aos “documentos primários digitalizados”, sendo documentos primários que foram produzidos em outros meios, mas que foram digitalizados no mundo virtual.²⁵ Dentro desta divisão conceitual de fonte digital, o *Youtube* se enquadraria mais especificamente na subcategoria de digitais exclusivos, ou seja, documentos que existem apenas virtualmente, sendo publicados e arquivados apenas por meio de dispositivos eletrônicos, como computadores ou *smartphones*.

²³ ALMEIDA, F. C. O Historiador e as Fontes Digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. *Aedos: Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS (Online)*, v. 3, 2011, p. 9-30.

²⁴ ALMEIDA, F. C. O Historiador e as Fontes Digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. *Aedos: Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS (Online)*, v. 3, 2011, p. 9-30.

²⁵ ALMEIDA, F. C. O Historiador e as Fontes Digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. *Aedos: Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS (Online)*, v. 3, 2011, p. 9-30.

O mundo virtual e suas diversas redes sociais necessitam de novas metodologias para seu tratamento enquanto fonte no campo da História, pois são novas formas de interação social. A resistência por parte da tradição historiográfica em lidar com as novas possíveis fontes não foi diferente no caso da plataforma *Youtube*, mas alguns autores já dão pistas de possíveis formas de análise, afirmando que o historiador pode lançar olhares sobre o mundo virtual.

Napolitano (2008) sugere formas de abordar fontes audiovisuais e, embora seu texto tenha inclinações com pesquisas que trabalham mais com cinema, televisão e música, suas orientações metodológicas cabem relativamente ao *Youtube*, pois essa plataforma engloba em seu conteúdo todos os itens anteriores, não obstante apresente inovações. Ao analisar uma fonte audiovisual, aqui sobretudo o vídeo, é necessário “[...] perceber as fontes audiovisuais e musicais em suas estruturas internas de linguagem e seus mecanismos de representação da realidade, a partir de seus códigos internos [...]”.²⁶ Percebe-se que Napolitano busca responder o que foi apresentado no documento e quais recursos foram utilizados para essa apresentação.

André (2018) apresenta reflexões semelhantes e sugere a atenção aos elementos próprios do audiovisual:

[...] como a disposição dos objetos na cena, as Inter linguagens, a sonoridade, entre outros pontos. Não se trata apenas de questões técnicas, mas de linguagens fundamentais para a construção dessa categoria heurística [...].²⁷

Ou seja, a forma como o produtor de conteúdo a cria: posicionamento de câmera, escolha do cenário, recursos sonoros, comportamento do autor etc. Também, não menos importante, é interessante verificar o alcance de visualizações do vídeo, sua data de publicação, se a produção é individual

²⁶ NAPOLITANO, M. Fontes audiovisuais: a história depois do papel. In: PINSKY, C. B. *Fontes Históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 235-291.

²⁷ ANDRÉ, R. G. O dharma na impermanência da web: difusão e transformações do zen-budismo na internet (2015-2017). *Horizonte*, v.16, n.51, Belo Horizonte, set/dez. 2018, p.1240-1269.

ou institucional, se há um padrão de público e comentários. Analisar desta forma é tentar compreender a mensagem do documento e suas estratégias de comunicação, para Certeau (2014) estratégia é também uma tentativa de convencer alguém²⁸, portanto, o vídeo pode retratar em que medida a BSGI, por meio dos seus devotos, busca convencer novos possíveis adeptos. Essa visão da fonte audiovisual foi aqui abraçada por essa pesquisa, portanto busca-se compreender o que foi dito sobre o uso do alimento enquanto oferta no *butsudan*, como também de que forma o produtor de conteúdo escolheu compartilhar essa prática.

Análise das fontes

Como contribuição teórica, serão utilizados os conceitos propostos por Michel de Certeau (2014). O autor apresenta conceitos relevantes para a relação entre instituição e seguidores, introduzindo a noção de estratégia e tática. Estratégia sendo a manipulação “[...]das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado.” As estratégias são produtos, preceitos que impõem a ordem de determinada instituição. Tática é definida como:

Ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem por lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha.²⁹

As táticas são respostas que surgem a partir desses produtos impostos, ou seja, os usos que os consumidores fazem a partir do contato com o produto. Michel de Certeau aponta que entre o consumidor e esses produtos “[...]existe o distanciamento mais ou menos grande do uso que faz deles”³⁰, indicando

²⁸ CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 22 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

²⁹ CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 22 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

³⁰ CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 22 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

aqui as diversas ressignificações que podem ser empreendidas em qualquer campo que haja relações de forças. Portanto, mediante os vídeos sobre o *butsudan*, serão analisados de que forma os princípios budistas (estratégias) são compreendidos pelos adeptos e como esses os ressignificam em suas oferendas no oratório doméstico (táticas).

O mundo virtual e suas diversas redes sociais necessitam de novas metodologias para o tratamento enquanto fonte em história, pois são novas formas de interação social. Anita Natividade Carneiro e Bruno Grigoletti Laitano (2018) sugerem uma metodologia própria para lidar com o *Youtube*. Segundo os autores, o Brasil é a segunda nação no mundo quando se fala em acesso ao *Youtube* e 95% da população que acessa as redes sociais assistem ao menos um vídeo por mês³¹. São dados expressivos e demonstram a relevância de se encarar a plataforma enquanto fonte primária historiográfica, uma vez que o *Youtube* se mostra tão presente no cotidiano e cada vez mais se insere nas práticas sociais.

O primeiro momento seria o de selecionar o vídeo que será analisado. O historiador escolhe seu documento de acordo com os critérios estabelecidos pela pesquisa e objetivos a serem alcançados. Aqui, por exemplo foi critério de escolha vídeos onde seus produtores se considerassem adeptos da comunidade BSGI e o objetivo é identificar reelaborações que produzem e dizem sobre suas religiosidades. Para realizar esse filtro, além dos critérios próprios da pesquisa, o historiador pode utilizar o filtro disponível na própria plataforma. Algumas características podem ser filtradas usando a ferramenta do *Youtube*, como a data em que o conteúdo foi publicado (última hora, hoje, esta semana, este mês ou este ano); o tipo de vídeo, ou seja, pela categoria do conteúdo (filme, programa, entre outros); pela

³¹ LAITANO, B. G; CARNEIRO, A. N. Youtube como fonte histórica: uma proposta de metodologia. In: Alana Basso; Cassiano Floriano Fraga; Cleverton Luis Freitas de Oliveira; Debora Inês Salvi; Diogo Quirim; Gabriel Ribeiro da Silva; Guilherme da Silva Cardoso; Israel Aquino; Lívia Amarante Gallo/ Said Solomón; Taiane Lopes. (Org). *Comunicações do 3 Encontro Discente de História da UFRGS*. 1ed.Porto Alegre: Editora FI, v. , 2019, p.239-247.

duração do conteúdo (curto ou longo); pela qualidade de exibição e suas características (se possui legenda, opção 3D); também, classificar por relevância, visualizações e avaliações. Ou seja, uma variedade de características que podem ser utilizadas a favor do pesquisador.

Por fim, após a escolha do documento o historiador partirá para a análise, que foi dividida em dois momentos: análise do canal e análise do vídeo. Compete à análise do canal identificar qual alcance deste (inscrições, visualizações e número total de vídeos); os comentários que o público compartilha, assim como a comunidade criada entre quem produz e quem assiste); como o dono do canal o descreve; biografia do produtor (quem é o sujeito por trás do vídeo); se há uma rede de comunicação entre vários canais; como o produtor organizou seus vídeos (categorias ou playlists) outras redes sociais associadas ao canal; se há um vídeo destacado pelo produtor.

Cabe a análise do vídeo identificar quais comentários foram publicados a respeito da produção audiovisual; qual a estética do vídeo (edição, cenário, música, dentre outros aspectos); o discurso do produtor e quais as referências para a construção de sua narrativa; duração, data de publicação e descrição do vídeo; quais recomendações aparecem na página de dado vídeo; por fim, se há monetização do vídeo³².

***Butsudan*, o vídeo educativo de Cesinha Chaves**

O primeiro vídeo analisado chama-se *Butsudan* e foi compartilhado em 2017. Quando foi consultado contava com mais de 7.000 visualizações e 6 comentários. O canal em que o vídeo foi publicado é privado e tem o nome *Cesinha Chaves*, leva o nome do próprio produtor audiovisual. O vídeo é uma animação feita a partir de um compilado de textos e imagens organizados

³² LAITANO, B. G; CARNEIRO, A. N. Youtube como fonte histórica: uma proposta de metodologia. In: Alana Basso; Cassiano Floriano Fraga; Cleverton Luis Freitas de Oliveira; Debora Inês Salvi; Diogo Quirim; Gabriel Ribeiro da Silva; Guilherme da Silva Cardoso; Israel Aquino; Lívia Amarante Gallo/ Said Solomón; Taiane Lopes. (Org). *Comunicações do 3 Encontro Discente de História da UFRGS*. 1ed.Porto Alegre: Editora FI, v. , 2019, p.239-247.

por Sandro Ribeiro, dono do site *As Mais Belas Histórias Budistas* e é narrado por Andressa Koetz. Cesinha Chaves produziu e editou o conteúdo de Sandro Ribeiro e a narração de Andressa Koetz, descrevendo este vídeo como os *apetrechos e acessórios do Butsudan os seus significados*.³³

Cesinha Chaves, nascido no Rio de Janeiro, não é apenas um anônimo que se considera budista ou um adepto que resolveu publicar sua vida privada, esse autor é um *videomaker*, produziu eventos e trabalhou para emissoras televisivas. O seu não anonimato mereceu artigo na revista VICE, que afirmou seu pioneirismo em produção de conteúdo a respeito do esporte skate no Brasil “numa época em que o acesso à informação audiovisual sobre o skate era escasso no Brasil [...]”.³⁴ Atualmente, Cesinha Chaves publica no meio digital seu acervo, conteúdo dos anos 1980 e 1990 relacionado ao skate, principalmente no canal do Youtube chamado *Chave Mestra Vídeos*. É uma mistura de material novo e velho, registros inéditos não publicados. Cesinha se considera:

[...] um documentarista, um cara que vai lá e mostra o que acontece. Então juntei essas matérias que fazia pra tevê e outras num formato pra chegar ao público, a fim de que as pessoas possam entender como era o skate no século 20.³⁵

Portanto, Cesinha Chaves busca reunir para o meio digital o conteúdo que produziu e participou nos anos 1980 e 1990. Embora sua especialidade seja o universo cultural do skate, também compartilhou vídeos no seu canal a respeito do budismo. O canal de Cesinha Chaves tem uma lista de 47 vídeos com o tema budismo, sendo somente um produzido por ele, chamado *Bustsudan*, e os demais compartilhados de outros canais do Youtube. Os

³³ CHAVES, C. *Bustsudan*. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=svSKXsZtWE>. Acesso em: 10 jun. 2022

³⁴ RIBEIRO, E. *O cara que recupera a história audiovisual do skate do século 20*. Editora VICE. Disponível em: <https://www.vice.com/pt/article/xyqp8q/chave-mestra-videos-skate-do-seculo-20>. Acesso em: 10 jun. 2022.

³⁵ RIBEIRO, E. *O cara que recupera a história audiovisual do skate do século 20*. Editora VICE. Disponível em: <https://www.vice.com/pt/article/xyqp8q/chave-mestra-videos-skate-do-seculo-20>. Acesso em: 10 jun. 2022.

temas que aparecem nesta lista de vídeos são: introdução ao budismo, recitações de sutras para prática budista, introdução ao movimento Sôka Gakkai Internacional e a explicação de alguns conceitos dentro do budismo.

A sua relação com o budismo aparece em seu *blog* pessoal, uma espécie de diário. Porém, ao passo que o diário registra o privado e reside no privado, o *blog* registra o privado e publica, ou seja, torna o conteúdo pessoal em público. Cesinha Chaves diz que foi mediante indicação de um amigo e participação de grupo de estudos, e a princípio ele tinha uma posição de dúvida com o que era dito, mas que sua visão mudou. Segundo Cesinha Chaves, o budismo dialoga com a prática do skate, pois ambos requerem o poder da mente. “Tudo é poder da mente e pode ser trabalhado”, e esse poder mental atua no skate quando é necessário por exemplo aprender a superar os obstáculos ou desenvolver a habilidade de antecipação de causa e efeito, onde a causa é o movimento e o efeito é a superação³⁶.

O vídeo, com duração de 7 min e 45 segundos, começa com uma música de tom suave, imagens ilustrativas e narrativa. É separado por tópicos e em cada um desses é descrito, por meio das imagens em textos e figuras, também pela narração, itens que compõe o oratório budista *bustudan*. O conteúdo do vídeo é apresentado em texto com fonte amarela e um fundo de tela que gradualmente passa de um azul escuro para um azul mais claro, conforme se aproxima do centro da tela. Mas seria muito importante para maior entendimento o acesso ao próprio vídeo, que se encontra no Youtube até o momento desta pesquisa.

O primeiro item apresentado é o *gohonzon*, sendo que, de acordo com o vídeo, *honzon* significa “objeto de máximo respeito” e *go* “digno de honra”. Neste item os caracteres “Nam-Myoho-Renge-Kyo-Nichiren” aparecem. A recitação desta frase é central no budismo de Nichiren Daishonin, escola

³⁶ CHAVES, C. *Brucks Skate Surf Arte*. 2013. Disponível em: <https://cesinhachaves.blogspot.com/search?q=budismo>. Acesso em: 10 jun. 2022

budista que este vídeo faz referência. A ideia de *gohonzon* aparece como parte do *butsudan* de diversos praticantes e completa estruturalmente esse oratório, embora assuma diferentes formas, de acordo com o olhar particular seletivo de cada adepto. O vídeo segue com a descrição do *butsudan*, ou “casa do Buda” se traduzido do japonês, sendo o espaço que reserva o texto de Nichiren, assim como os demais itens sagrados. Sobre esse espaço é afirmado no vídeo que “na medida que avançamos na prática, surge naturalmente o sentimento de dignificar o local onde está”.³⁷ Ou seja, com o aprofundamento da prática religiosa o adepto sacraliza o espaço, que ganha sentido na medida que a intimidade do praticante aumenta com seu oratório.

O próximo item apresentado pelo vídeo seria a oferta de folhas verdes ao Buda. Ao contrário das flores que murcham facilmente, os galhos verdes representariam as “virtudes de eternidade e pureza” por serem mais resistentes. O vídeo afirma que no Japão comumente é ofertada a planta aromática *shikimi*, mas qualquer planta verde pode ser utilizada no oratório. Segue com menção as velas como parte da composição do *butsudan*, sendo “indispensáveis para iluminar a escuridão” e representam a “natureza de Buda, a Sabedoria, a Essência Iluminada do Buda”. O incenso presente no oratório dignifica o que é ofertado neste espaço, pois purificaria a área em que se encontra o *gohonzon*. A água aparece como item a parte a ser ofertado no *butsudan*. Segundo o vídeo, “oferecer água a convidados importantes parece ter sido um costume amplamente praticado na Índia daqueles dias”, ou seja, um alimento que recepcionava visitas e que tem valor estimado, por isso sua relevância em presenciar o altar budista. No vídeo é prescrito que a água deve ser oferecida ainda fria e fresca todas as manhãs no *gohonzon* e retirada antes da oração da noite.³⁸ Aqui, temos condições

³⁷ CHAVES, C. *Butsudan*. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=svSKXsZsTWE>. Acesso em: 10 jun. 2022

³⁸ CHAVES, C. *Butsudan*. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=svSKXsZsTWE>. Acesso em: 10 jun. 2022

de uma água bebível, pois ser fresca é condição da sua oferta. Portanto temos um dos itens que além de oferenda pode ser considerado comida.

Chegamos no elemento central desta pesquisa: a comida enquanto oferenda. O vídeo sugere as frutas sendo uma “tradicional oferenda ao Gohonzon” mas que “enquanto existir sinceridade, qualquer comida considerada boa pode ser oferecida”.³⁹ Possibilitar a escolha da comida baseado no que é bom para o próprio praticante é metaforicamente um prato cheio, pois abre um leque de possibilidades do que pode ser considerado comível, determinando o que será ofertado. Assim, temos o uso de comidas, por exemplo o suco em pó, que não são repertório de uma tradição budista, mas que a partir dos seus praticantes, encontram seu espaço dentro do sagrado. Esse princípio, embora bem delimitado é pouco restritivo e sugere a facilidade de a BSGI ter um público tão diverso de adeptos. Outro aspecto da prática que enfatiza essa posição da oferenda enquanto alimento é que após retirada do *butsudan*, “a fruta deve ser retirada” e “consumida enquanto está fresca”.⁴⁰ Novamente, assim como a água presente no altar, a condição de fresca sinaliza sua face comível por ser tratar de uma condição de consumo humano.

Um item pertinente e que se encontra em outras práticas budistas é o sino. O vídeo afirma que “tocar o sino durante o Gongyo serve para louvar o Buda e alegrar o espírito”.⁴¹ O sino marca o início do ritual e sinaliza seu encerramento diário. Seu caráter musical também é considerado, pois oferecer música ao Buda é, segundo o vídeo, prática frequentemente mencionada nas escrituras budistas. O vídeo também discute a respeito da

³⁹ CHAVES, C. *Butsudan*. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=svSKXsZsTWE>. Acesso em: 10 jun. 2022

⁴⁰ CHAVES, C. *Butsudan*. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=svSKXsZsTWE>. Acesso em: 10 jun. 2022.

⁴¹ CHAVES, C. *Butsudan*. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=svSKXsZsTWE>. Acesso em: 10 jun. 2022.

liturgia ou apresentação religiosa em torno do gongyo, definido pela BSGI como:

[...]uma cerimônia budista diária praticada diante do Gohonzon [...]é composto essencialmente de três elementos: 1) A recitação de trechos do capítulo "Meios Apropriados" (Hoben) e "A Extensão da Vida" (Juryo), do Sutra do Lótus, a razão do advento do buda shakymuni; 2) Recitação do Nam-myoho-rence-kyo; 3) Orações Silenciosas.⁴²

Para a recitação do *Nam-myoho-rence-kyo*, o adepto segura em suas mãos o *juzu* que, segundo o vídeo, "deve ser usado colocando-se a extremidade com três borlas no dedo médio na mão direita, e da outra com duas borlas, no dedo médio da mão esquerda," No vídeo, são apresentadas algumas considerações gerais sobre o budismo de Nichiren Daishonin, sendo a fé, prática e estudo a forma "correta" da prática. Fé é "acreditar fervorosamente no Gohonzon"; prática é recitar o sutra e ensinar ao próximo; estudo é a compreensão do ensinamento budista e a fé é, além de estimulante da prática e estudo, "imprescindível para atingir o estado de Buda".⁴³ Neste momento o vídeo indica quais estratégias a instituição definiu e apresentou para seus seguidores, assim, ditaram qual é o caminho considerado correto para se atingir a iluminação e delimitaram quais as regras presentes no seu espaço de poder.

ORATÓRIO BUDISTA | Nosso Apê 32B o casal Gabriela e Luciano e seu cantinho de fé

O próximo vídeo analisado chama-se *ORATÓRIO BUDISTA | Nosso Apê 32B*, publicado em 2019 no canal *Nosso Apê 32B*. No momento da pesquisa este conteúdo audiovisual atingia mais de 9.900 visualizações e 91 comentários em sua publicação. Esse canal do *Youtube* pertence aos criadores de conteúdo Luciano e Gabriela, que após comprarem um

⁴² CHAVES, C. *Butsudan*. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=svSKXsZsTWE>. Acesso em: 10 jun. 2022.

⁴³ CHAVES, C. *Butsudan*. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=svSKXsZsTWE>. Acesso em: 10 jun. 2022.

apartamento, iniciaram um projeto que objetivava compartilhar dicas de reforma, decoração e receitas. Portanto, o vídeo a respeito do *bustudan* está relacionado a dicas de reforma e decoração. O vídeo, com 7:08 minutos de duração, é dedicado totalmente ao oratório budista. Em contraste com o vídeo anterior analisado, que enfatizou sobretudo os itens que compõe o *butsudan* e seu sentido dentro da prática budista, aqui a ênfase está no objeto em si e como compõe o grupo de objetos da casa. Gabriela, durante o vídeo, apresenta seu *bustudan*, o processo de instalação do mesmo na residência e há indicações do local (Oratórios Fuji, localizado no bairro Liberdade, em São Paulo) que adquiriu este objeto e preço, sendo R\$420,00. Antes dos pormenores do vídeo analisado, é necessário compreender os produtores de conteúdo que o produziram.

O canal é privado, ou seja, o que é compartilhado corresponde a vida privada de Luciano e Gabriela, que formam um casal. Os vídeos são divididos em lista de reprodução, com títulos que sugerem seu próprio conteúdo: GRAVIDEZ; Datas Românticas; MESA POSTA; ROTINA; CASAMENTO; GABI RESPONDE; RESENHA; ESPECIAL; SOBRE NÓS. VISITANDO LOJAS; PROMOÇÕES. NOSSO APÊ RESPONDE; RECEBENDO A MESA POSTA; RECEITAS COM AMOR; TOUR; DICAS; COMPRINHAS PARA O APÊ; VLOG; DIÁRIO DE REFORMA; DIÁRIO DE DECORAÇÃO, onde se encontra o vídeo analisado. No espaço das redes sociais que o canal possui, *Facebook*, *Instagram* ou no próprio *Youtube*, não há uma descrição extensa sobre a vida dos dois, assim, os vídeos publicados seriam um caminho para entender quem são esses criadores de conteúdo digital.

Gabriela demonstra seu vínculo com o budismo em um vídeo chamado *ESPECIAL 2MIL INSCRITOS PERGUNTAS + SORTEIO | Nosso Apê 32B*, onde afirma que “[...]eu sou budista desde pequena, budismo de Nichiren Daishonin e Luciano não segue nenhuma religião, por mais que a família dele seja

evangélica[...]"⁴⁴. Neste caso, Gabriela teve contato muito cedo com a religião e continuou sua prática na vida adulta, Luciano a acompanhou, mesmo sendo de tradição neopentecostal. Ainda neste vídeo respondendo a perguntas dos seus seguidores, Gabriela e Luciano são questionados a respeito de suas formações e profissões. Gabriela afirma que é formada em Publicidade e Propaganda e trabalha em uma gráfica pertencente a sua família. Luciano trabalha na produção, mas não fica evidente qual vínculo empregatício ou empresa, instituição trabalha. A formação de Gabriela sugere sua familiaridade com a produção audiovisual e diferentemente de Luciano, ela é muito mais comunicativa e ativa em produzir conteúdo.

O vídeo inicia com as boas-vindas dadas por Gabriela, seguindo de uma introdução animada com efeitos sonoros e cores suaves, rosa, verde e branco, destacando o nome do canal *Nosso Apê 32B*, prosseguindo com o título *ORATÓRIO BUDISTA*. É pertinente destacar o contato visual que a autora mantém com seu público, criando intimidade e maior imersão no conteúdo audiovisual. A intenção do vídeo é mostrar "[...]o cantinho mais especial aqui do apartamento que é o nosso cantinho de oração, onde a gente instalou nosso oratório." Em seguida, Gabriela afirma que "[...]quando nós somos budistas nós temos um oratório que tem o *gohonzon* consagrado que é um pergaminho né escrito em japonês[...]"⁴⁵. Neste momento, a autora apresenta o que seria, segundo sua perspectiva, os pilares do praticante budista: ser budista é ter um oratório, portanto, o *butsudan* é central na atividade religiosa; o oratório deve ser consagrado, assim, existe um protocolo institucional que prepara essa escritura e eleva à condição do sagrado (esse processo de sacralização do objeto é exemplificado no próximo documento analisado aqui); a escritura deve ser em japonês, herança de um budismo étnico, como

⁴⁴ BONINI, G. *ESPECIAL 2MIL INSCRITOS PERGUNTAS + SORTEIO* | *Nosso Apê 32B*. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dBF63jivGNk&t=2s>. Acesso em: 10 jun. 2022.

⁴⁵ BONINI, G. *ORATÓRIO BUDISTA* | *Nosso Apê 32B*. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kNo-vO7anGo>. Acesso em: 10 jun. 2022

também estratégia institucional da BSGI em manter seu lugar de poder, o texto em japonês transmite a aproximação do culto a um budismo japonês, o que passa certa credibilidade aos praticantes, embora não necessariamente compreendam ou falem o idioma presente no manuscrito.

O oratório foi escolhido de acordo com a organização da sala em que será instalado, pois, segundo a autora do vídeo, ele combina com a parede e com o sofá ali presentes. Todo o processo de instalação do *butsudan* é registrado e constantemente são sugeridas dicas de como executar tal processo. Instalação finalizada, o vídeo segue com a apresentação dos itens que dispõe o oratório, sendo velas, frutas, água e o “verde” indicando alguma vegetação, que pode ser natural ou de plástico, sino e incenso. Neste momento do vídeo, a autora afirma que “todos esses são oferecimentos que a gente faz no momento da nossa oração, cada um tem seu significado né[...]”⁴⁶ mas não reserva um momento do vídeo para explicá-los, direcionando seus expectadores para o campo de comentários onde poderão tirar dúvidas. Após demonstrar a disposição dos itens, a autora aponta para o espaço entre as portas, onde será guardado o *gohonzon* ou pergaminho. Gabriela finaliza o vídeo afirmando que:

[...] esse cantinho é o mais especial para mim aqui nesse apartamento, porque é o cantinho da nossa fé né, eu acho que se a gente tem uma oportunidade né, eu aqui você na sua casa de ter um cantinho de oração eu acho que é muito importante porque é com a nossa fé que a gente consegue passar por todas as dificuldades, conquistar as nossas coisas[...].⁴⁷

Assim, se direcionando ao seu público usando a palavra você, a autora se aproxima e dialoga com quem a assiste. Nesse trecho do vídeo mencionado acima, é reafirmado a importância do lugar sagrado, espaço onde os adeptos mediante suas orações e ofertas, praticam sua fé. A autora

⁴⁶ BONINI, G. ORATÓRIO BUDISTA | Nosso Apê 32B. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kNo-vO7anGo>. Acesso em: 10 jun. 2022

⁴⁷ BONINI, G. ORATÓRIO BUDISTA | Nosso Apê 32B. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kNo-vO7anGo>. Acesso em: 10 jun. 2022

ainda comenta sobre a relação entre o *butsudan* e a vida privada, segundo Gabriela, é comum “[...] colocar o nosso oratório, instalar ele num lugar que fique visível[...]”⁴⁸, assim, temos uma resignificação da presença do *butsudan* nos lares desses adeptos.

Os obstáculos que o budismo sofreu no Brasil nos primeiros anos de imigração japonesa, como as exigências do governo e das companhias japonesas de imigração que proibiram os *nikkeis* em realizar proselitismo religioso fora do Japão e os discursos racistas e militaristas antinipônicos, sobretudo nos anos de desdobramento da Segunda Guerra Mundial⁴⁹, não são significativamente presentes nas novas práticas budistas, dado esse distanciamento entre ser adepto e ser descendente de japonês no Brasil. Portanto, a “[...]esfera íntima, particular, pouco mencionada pelos imigrantes em convívio com os brasileiros”⁵⁰, é compartilhada publicamente no *Youtube*, sem perder seu aspecto particular, indicando que nesse espaço virtual algo pode ser público e íntimo sem ser contraditório, uma vez que os próprios seguidores do canal são considerados íntimos do produtor de conteúdo.

No campo dos comentários abaixo do vídeo publicado, as discussões se direcionam à elogios ou falas de pertencimento, pois, ao que tudo indica, alguns seguidores do canal *Nosso Apê 32B* são simpatizantes ou até mesmo seguem vertentes budistas. Um comentário que se destaca, devido ao foco desta pesquisa, é de uma internauta chamada Daiana Calado, que, em 2019, questionou “Gabi, pq as frutas?”, o canal se posicionou e comentou:

Oi, minha linda, a fruta é um oferecimento de agradecimento pela fartura em casa e prosperidade. Depois que ela é trocada pode ser consumida normalmente e não tem nenhum misticismo em relação a isso (tipo depois ela fica abençoada) [...] ⁵¹

⁴⁸ BONINI, G. ORATÓRIO BUDISTA | Nosso Apê 32B. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kNo-vO7anGo>. Acesso em: 10 jun. 2022

⁴⁹ ANDRÉ, R. G; LUIZ, L. H. O retorno dos ancestrais: Bom Odori e ritos mortuários no Templo Budista Honpa Honganji em Londrina. *Antíteses*, v.11, n.22, Londrina, jul/dez, 2018, p. 890-915.

⁵⁰ SILVA, A. B; SOARES, A. L. R. Os Oratórios domésticos: lugares de memória para os imigrantes japoneses em Santa Maria/RS. *PATRIMÔNIO E MEMÓRIA (UNESP)*, v. 13, 2017, p. 179-200.

⁵¹ BONINI, G. ORATÓRIO BUDISTA | Nosso Apê 32B. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kNo-vO7anGo>. Acesso em: 10 jun. 2022.

Essa dúvida presente neste comentário demonstra o interesse do público em se aprofundar nos detalhes da prática budista, e consultam não só as instituições, como também influenciadores digitais que por meio das mídias legitimaram espaços de poder, orientando internautas em assuntos diversos, como o religioso no caso.

O comentário responde também à questão central deste trabalho, e pode ser reformulado de outra forma: por que as frutas são oferendas aqui? A autora afirma que a fruta é oferenda, mas não se tem uma ideia da extensão do que pode ser considerado oferenda no *butsudan*, sua resposta é bem direcionada e consequentemente se limita a questão posta pela internauta. Mas, a partir desse diálogo para além do conteúdo audiovisual, sugere-se a ressignificação da praticante budista. A fruta, encarada no vídeo enquanto comida e oferenda, é um agradecimento pela fartura e prosperidade vivida por Gabriela, não há menção da oferta do alimento para algum familiar falecido ou até mesmo alguma entidade sagrada, o *butsudan* aqui é sim o espaço de manifestação do sagrado, mas seu atributo é a fé, ou seja, o oratório manifesta a fé da praticante, fenômeno que ampara suas dificuldades cotidianas e possibilita conquistas materiais e espirituais.

Fabíola Souza e seu vídeo *Oratório e concessão de gohonzon*

O vídeo analisado foi produzido por Fabíola Souza e publicado em 2016 no canal *A Fabí por aí...* Com o título *Oratório e concessão de gohonzon*, Fabíola é praticante budista da BSGI e responde algumas dúvidas de seus seguidores a respeito da iniciação no budismo. Ainda no vídeo, é registrada uma cerimônia de iniciação de um novo adepto na BSGI, que recebe seu *gohonzon*. Por fim, no vídeo a autora apresenta seu *butsudan* e os objetos dispostos no oratório. Das fontes aqui investigadas, esse vídeo é o que possui maior alcance na plataforma, sendo mais de 25.600 visualizações e 210

comentários, portanto, Fabíola Souza é a produtora de conteúdo que possui maior engajamento no Youtube.

O canal de Fabíola Souza, chamado *A Fabí por aí...*, é um canal pessoal e multitemático, e seus vídeos são separados em tópicos que a autora criou. As listas são separadas pelos temas: *Por aí* que compartilha vídeos de viagens feitas pela autora, desde passeios cotidianos à viagens mais distantes; na lista *Mexa-se*, Fabíola compartilha com seu público atividades de yoga e meditação; a lista *beleza e moda* é composta de vídeos que sugerem ao público cuidados pessoais ligados à estética; na lista *Plantas de receitas*, a autora compartilha receitas culinárias e dicas de cuidado com plantas; na lista chamada *Casa e sustentabilidade*, a autora apresenta mudanças realizadas em sua casa, bem como sugestões de economia e sustentabilidade; por fim, o grupo de vídeos chamado *Autoconhecimento e Filosofia Cotidiana*, lida com temas sobre empatia, budismo, casamento, resenhas de livros, respostas aos seguidores.

Fabíola explora diversos temas, que se dialogam à medida que participam do seu cotidiano. Seu canal, assim como o blog de Cesinha Chaves ou o canal *Apê 32B*, é um espaço de registro da vida da autora, ou também interpretado como a representação de vida escolhida pela autora, pois, assim como os vídeos anteriormente analisados, o que é compartilhado no Youtube parte de escolhas. A autora é personagem do mundo virtual, uma vez que o conteúdo audiovisual publicado sofre um preparo, como a escolha de um tema, organização do cenário e edição após a gravação do vídeo, que inclui novas informações ou apaga trechos do que foi registrado. Esse preparo e produção do vídeo é recorrente em muitos canais no Youtube, canais esses que são encarados por muitos produtores como um ofício.

Fabíola Souza compartilhou em 2018 um vídeo chamado *Quem sou eu??*, mediante esse vídeo compreende-se quem é a autora do canal ou o qual imagem que ela constrói para seu público. Fabíola nasceu em 1985, em

uma família de não descendentes de japoneses, em São Paulo. Formada em Educação Física, a autora leciona exercícios de pilates, paralelamente ao seu trabalho de produtora audiovisual. Conheceu o budismo por meio de um amigo e iniciou sua prática e estudos. A autora afirma que criou o canal com o objetivo de registrar suas viagens de turismo, mas a partir de uma demanda de seus seguidores compartilhou uma série de vídeos a respeito do budismo.⁵²

No início do vídeo a respeito do seu *butsudan*, Fabíola comenta sobre a iniciação na BSGI, onde o novo adepto deve assinar um “Termo de Conversão”, se cadastrar e receber um “código de membro”, esse código dá acesso à área restrita no site da BSGI, endereçado <http://www.bsgi.org.br>. Ter esse cadastro com a instituição garante que o praticante acesse a *extranet*, uma extensão exclusiva do site somente para adeptos, como questões administrativas, reservas de salas, empréstimos de *gohonzon*, materiais de notícias e estudo como os impressos produzidos pela BSGI e conteúdo multimídia audiovisuais.⁵³ Seguindo o vídeo, Fabíola registra uma concessão de um novo adepto, nessa cerimônia é entregue o *gohonzon* ao recém praticante. Vale notar os sujeitos que participam da cerimônia: predominantemente não descendentes de japoneses. Pereira (2002) afirma que:

Desde o começo dos anos 60, o proselitismo da Gakkai no Brasil teve uma característica combativa, direcionando simultaneamente a várias frentes: o imigrante, seus descendentes e seus vizinhos não descendentes. O resultado desse esforço multidirecional é que, hoje, 90% de seus 104.358 membros não são descendentes de japoneses.⁵⁴

A habilidade no uso de meios de comunicação é utilizada não só pela BSGI, que veiculam notícias em diversas redes sociais, mas também por seus

⁵² SOUZA, F. *Quem sou eu??*. 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=Or6387jIloY&list=PLgl6L8zSuY_V5mcMcBaXzDKZXOIPULPyn&index=49. Acesso em: 10 jun. 2022.

⁵³ SOUZA, F. M. *Oratório e Concessão de Gohonzon*. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=53DjwqOv08c>. Acesso em: 10 jun. 2022.

⁵⁴ PEREIRA, R. A. A associação Brasil Sôka Gakkai Internacional: do Japão para o mundo, dos imigrantes para os brasileiros. In: USARSKI, F. *O Budismo no Brasil*. São Paulo: Editora Lorosae, 2002, p.253-286

adeptos, sendo algum deles frequentadores do mundo virtual. Após o registro da cerimônia, Fabíola apresenta aos seu público os elementos que compõe o *butsudan* e seus significados, onde “os ramos verdes simbolizam a eternidade da vida[...]”, “os incensos são tradicionalmente oferendas ao Buda”, “a vela simboliza a sabedoria do Buda”, “a água simboliza pureza e a energia fundamental da vida”, “as frutas significam prosperidade para todas as pessoas” e por fim o sino pontuaria o início e fim das orações.⁵⁵

A comida utilizada pela autora são frutas, indicando a recorrência desse alimento entre os praticantes da BSGI. São elevadas à condição do sagrado pois carregam, para a autora, o símbolo da prosperidade, também mencionado no canal *Nosso Apê 32B*. As frutas, também apontadas no canal *Cesinha chaves* como ofertas tradicionais, simbolicamente concedem ao adepto a condição de próspero e sua oferta simboliza a conquista. O alimento aqui não foi escolhido por meio do repertório de gostos dos praticantes e sim pelo simbolismo que carrega consigo. Porém, há desvios dessa presença das frutas no oratório, como o praticante Evandro Legramonte e sua oferta de suco em pó, bem como afirma Cesinha Chaves “enquanto existir sinceridade, qualquer comida considerada boa pode ser oferecida”,⁵⁶ ou seja, o critério da oferta está relacionado intimamente também com a escolha pessoal do adepto, uma vez que depende do seu gosto alimentar.

No espaço de comentários do vídeo predominam adeptos e iniciantes na prática budista. São questionamentos recorrentes: onde os novos praticantes podem encontrar a instituição mais próxima de sua residência; como organizar os itens no oratório *butsudan*; como receber o *gohonzon*, também elogios aos vídeos compartilhados por Fabíola Souza em seu canal.

⁵⁵ SOUZA, F. M. *Oratório e Concessão de Gohonzon*. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=53DjwqOv08c>. Acesso em: 10 jun. 2022.

⁵⁶ CHAVES, C. *Butsudan*. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=svSKXsZsTWE>. Acesso em: 10 jun. 2022

Buscou-se neste trabalho compreender o que pode ser considerado comida e oferenda por adeptos do budismo no Brasil, sobretudo participantes da instituição Brasil Sôka Gakkai Internacional (BSGI). Como fonte primária foram utilizados vídeos publicados na plataforma digital *Youtube*, um *site* de compartilhamento de conteúdo audiovisual. O recorte temporal do trabalho foi de 2016 a 2019, período de publicação no *site*, e os vídeos foram selecionados considerando que seus produtores são praticantes budistas e apresentam o oratório *butsudan*.

Encarando a comida enquanto alimento culturalizado e sacralizado, por meio dos conceitos de estratégia e tática de Michel de Certeau (2014), foi observado como esses adeptos taticamente apresentam seus oratórios e quais elementos são evidenciados por eles, o que consideram importante dentro da prática e de que forma expuseram aos seus públicos no *Youtube*. Como também, quais estratégias utilizadas pela BSGI foram percebidas. Considerando as limitações do trabalho, foi percebido que os adeptos nos vídeos aqui analisados são predominantemente não descendentes de japoneses. A prática no oratório budista sofreu mudanças estratégicas pela BSGI, com princípios e valores globalizantes, que a distanciou do culto aos ancestrais, tão central no budismo étnico, abrindo um leque de novos praticantes cada vez mais distintos.

A BSGI não buscou “sincretismos” ou “abrasileiramentos” com as religiões brasileiras⁵⁷, o que caracteriza a postura de outras escolas do budismo japonês no Brasil; estrategicamente, enfatizou discursivamente valores como a “[...] felicidade plena de cada indivíduo”, repudiar “[...] qualquer tipo de discriminação” ou “[...] um modo de vida que supera obsessões com as diferenças e tem como objetivo promover a paz e a

⁵⁷PEREIRA, R. A. A associação Brasil Sôka Gakkai Internacional: do Japão para o mundo, dos imigrantes para os brasileiros. In: USARSKI, F. *O Budismo no Brasil*. São Paulo: Editora Lorosae, 2002, p.253-286.

felicidade para a sociedade como um todo”⁵⁸, assim, se adaptou bem às demandas da sociedade neoliberal (individualismo, salvação individual), bem como a articulação com uma moral universal e aparentemente laica (paz mundial).

Também, o oratório foi taticamente deslocado por seus adeptos de uma posição de pouca visibilidade social para um espaço de destaque doméstico, sendo tema de vídeos publicados no *Youtube*, essa transformação no espaço reservado ao *butsudan* está relacionado com o perfil dos novos praticantes e a dinâmica do mundo virtual que possibilita a exposição do privado à uma comunidade de interesses mútuos. Outro elemento que compõe o oratório doméstico e, a partir da análise dos vídeos, podemos sugerir mudanças táticas por seus praticantes foram os alimentos ofertados enquanto manifestações do sagrado. Embora as frutas sejam recorrentes e apresentadas como ofertas tradicionais, carregadas pela ideia de prosperidade, há um espaço para outros alimentos no altar.

A comida enquanto oferenda e o próprio *butsudan* assumiram vários perfis, seguindo cada interesse particular dos sujeitos que aparecem nos vídeos analisados. Dentre as variações, é possível destacar usos devocionais, decorativos, de agradecimento pessoal e coletivo, espiritual e material, pela reafirmação dos propósitos da BSGI e referência aos seus fundadores presentes na liturgia. Assim, a reação tática às estratégias da instituição BSGI são bem apresentadas nos vídeos.

A instituição, por meio de suas publicações oficiais em *site* por exemplo, sugere o consumo de produtos de procedência conhecida e ecologicamente sustentáveis, o que reflete bem na ideia da fruta como algo “natural”. Mas, para além disso, pratos recheados de intenções, como o amor investido pelos chefs mencionados pela BSGI, ou a oferta de suco em pó pelo

⁵⁸ BSGI, ASSOCIAÇÃO BRASIL SGI. BSGI – *Brasil Soka Gakkai Internacional*. Disponível em: <http://www.bsgi.org.br>. Acesso em: 26/03/2022.

praticante analisado em outra pesquisa já mencionada, são exemplos de ofertas possíveis encontradas. Portanto, o praticante pôde expressar-se através do significado que atribui ao alimento, cumprindo a exigência da BSGI de oferecer algo comestível no *butsudan*. Assim, observamos nas batalhas do dia a dia as disputas entre estratégias e táticas e suas ressignificações.

Referencial Bibliográfico

Fontes primárias

CHAVES, C. *Butsudan*. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=svSKXsZsTWE>. Acesso em: 10 jun. 2022

BONINI, G. *ORATÓRIO BUDISTA | Nosso Apê 32B*. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kNo-vO7anGo>. Acesso em: 10 jun. 2022

SOUZA, F. M. *Oratório e Concessão de Gohonzon*. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=53DjwqOv08c>. Acesso em: 10 jun. 2022.

Bibliografia

ALMEIDA, F. C. O Historiador e as Fontes Digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. *Aedos: Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS (Online)*, v. 3, 2011, p. 9-30.

ANDRÉ, R. G; LUIZ, L. H. O retorno dos ancestrais: Bom Odori e ritos mortuários no Templo Budista Honpa Honganji em Londrina. *Antíteses*, v.11, n.22, Londrina, jul/dez, 2018, p. 890-915.

ANDRÉ, R. G. O dharma na impermanência da web: difusão e transformações do zen-budismo na internet (2015-2017). *Horizonte*, v.16, n.51, Belo Horizonte, set/dez. 2018, p.1240-1269.

BONINI, G. *ESPECIAL 2MIL INSCRITOS PERGUNTAS + SORTEIO | Nosso Apê 32B*. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dBF63jivGNk&t=2s>. Acesso em: 10 jun. 2022.

BSGI, ASSOCIAÇÃO BRASIL SGI. BSGI – *Brasil Soka Gakkai Internacional*. Disponível em: <http://www.bsgi.org.br>. Acesso em: 26/03/2022.

BSGI, ASSOCIAÇÃO BRASIL SGI. *Mais do que simples comida...! Repensar o alimento que nos chega à mesa é também proteger o planeta*. 2014a.

Disponível em: <https://www.bsgi.org.br/noticia/mais-do-que-simples-comida-20141016/>. Acesso em: 25 maio 2024.

BSGI, ASSOCIAÇÃO BRASIL SGI. *Dois chefs e o alimento que vem do amor*. Membros da SGI, renomados chefs contam como produzem suas criações gastronômicas. 2014b. Disponível em: <https://www.bsgi.org.br/noticia/dois-chefs-e-o-alimento-que-vem-do-amor-20141016/>. Acessado em 25 maio 2024.

CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 22 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

DUTRA, P. B. M; CHÊNE, S. G. B; BAENA, T. C. A. Religião e Tecnointerações: apropriação da tecnologia na prática do budismo de Nichiren Daishonin da Soka Gakkai durante a pandemia de Covid-19 em Santarém – PA. *Revista Iniciacom*, v.10, n.3, São Paulo, 2021.

FURLAN, C; TSAI, P. G. P. O código normativo budista e o ato de esmolar alimentos. *PÁGINAS DE FILOSOFIA*, v. 10, São Bernardo do Campo, 2021, p. 77-91.

GIARD, L; Cozinhar. In: CERTEAU, M; MAYOL, P. *A invenção do cotidiano: 2, morar, cozinhar*. Petrópolis: Artes de Fazer, 1996.

GONÇALVES, R. M. As flores do dharma desabrocham sob o Cruzeiro do Sul: aspectos dos vários “budismos” no Brasil. *Revista USP*, n.67, São Paulo, 2005, p.198-207.

CEZARINHO, F. A. História e fontes da internet: uma reflexão metodológica. *Temporalidades – Revista de História*, v. 10, n. 26, jan./abril. 2018.

CHAVES, C. *Brucks Skate Surf Arte*. 2013. Disponível em: <https://cesinhachaves.blogspot.com/search?q=budismo>. Acesso em: 10 jun. 2022

ELIADE, M. *O sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LAITANO, B. G; CARNEIRO, A. N. Youtube como fonte histórica: uma proposta de metodologia. In: BASSO Alana; FRAGA, Cassiano Floriano; OLIVEIRA, Cleverton Luis Freitas de; SALVI, Debora Inês; QUIRIM, Diogo; SILVA, Gabriel Ribeiro da; CARDOSO, Guilherme da Silva; AQUINO, Israel; GALLO, Livia Amarante; SOLOMÓN, Said; LOPES, Taiane (Orgs). *Comunicações do 3 Encontro Discente de História da UFRGS*. 1ed.Porto Alegre: Editora FI, v. , 2019, p.239-247.

NAPOLITANO, M. Fontes audiovisuais: a história depois do papel. In: PINSKY, C. B. *Fontes Históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 235-291.

OLIVEIRA, R. M. Das frutas frescas à gelatina em pó: o sentido da comida como oferta no bustudan, retratado por criadores de conteúdo na plataforma Youtube (2016-2018). In: BUENO, A. *Estudos em História Asiática e Orientalismo no Brasil*. 1 ed. v. 1, Rio de Janeiro: Sobre Ontens/UERJ, 2020, p. 3-219.

PEREIRA, R. A. A associação Brasil Sôka Gakkai Internacional: do Japão para o mundo, dos imigrantes para os brasileiros. In: USARSKI, F. *O Budismo no Brasil*. São Paulo: Editora Lorosae, 2002, p.253-286.

RIBEIRO, E. *O cara que recupera a história audiovisual do skate do século 20*. Editora VICE. Disponível em: <https://www.vice.com/pt/article/xyqp8q/chave-mestra-videos-skate-do-seculo-20>. Acesso em: 10 jun. 2022

SEIKYOPOST. *Glossário*. Editora Brasil Seikyo. Disponível em: <http://www.seikyopost.com.br/budismo/glossario#p-gongyo>. Acesso em: 10 jun. 2022.

SILVA, A. B; SOARES, A. L. R. Os Oratórios domésticos: lugares de memória para os imigrantes japoneses em Santa Maria/RS. *PATRIMÔNIO E MEMÓRIA (UNESP)*, v. 13, 2017, São Paulo, p. 179-200.

SOUZA, F. *Quem sou eu??*. 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=Or6387jll0Y&list=PLgl6L8zSuY_V5mcMcBaXzDKZXOIPULPyn&index=49. Acesso em: 10 jun. 2022.

USARSKI, F. O momento da pesquisa sobre o budismo no Brasil: tendências e questões abertas. *Debates do NER*, v.7, n.9, Porto Alegre, jan/jun, 2006, p.129-141.